



2ª EDIÇÃO

UPILE

REVISTA



CC 2026

www.revistaupile.com

UPILE REVISTA

**COBERTURA DE EVENTOS
CULTURAIS;**

**AGÊNCIA DE PUBLICIDADE;
BRANDING E PRODUÇÃO DE
CONTEÚDOS;**

**ASSESSORIA DE
COMUNICAÇÃO E
MARKETING
(INSTITUCIONAL OU
PESSOAL).**



Moçambique – Lichinga
+258 842653521/840565540
revistauphile0055@gmail.com
www.revistaupile.com



“O Universo Fala o que o Silêncio Cala.”
Ludília Chirindza

FICHA TÉCNICA

Propriedade: REVISTA & EDITORA UPILE ,LDA

Edição: 2ª Edição

Local de Publicação: Lichinga/Niassa

Redação:

- Artimisa J. Tivane Mucavele
- Ana André Mitawa
- Benefiel Bonga
- Jonito Janeiro

Revisão: Geraldina Paia Gueze, PhD.

Editora: Revista Upile

Arranjo Gráfico: Bilay Luís Tomás

Fotografia: Yao Nation

Periodicidade: Mensal

Impressão: Melo Jr Service

Exemplares: 45

Número de Páginas: 60

Ano: 2026

NOTÍCIAS.....07

ENTREVISTA.....22

ESPECIAL SÃO VALENTIM.....27

OPINIÃO.....32

CRÔNICA.....47

DEVANEIOS.....50

ENTRE VERSOS57





NOTÍCIAS

JOANA CEBOLA DESTACA-SE NO TOP 5 NO MOZAMBIQUE BEAUTY AWARDS- 2025



Das terras de Mataka, nascida ainda que pelos corredores do rio dos bons sinais, **Joana Nicolau Cebola**, encanta pela presença e é picante no olhar. Na fala desliza igual nas passarelas. De cintura fina, encaminha-se em direcção aos céus com os seus 1.78m. De pernas perpendiculares aos braços, é firme sobre os seus planos e desejos pelo amanhã.

A sua maturidade transcende os seus 25 anos, talvez por isso o peso de carregar milhares de sonhos sobre suas costas não desafiou sua balança. Apaixonada pelas artes, seu idioma na cultura fala dança, mas na moda respira ares do além. É na passarela que morra sua maior paixão e o Mozambique Beauty Award, foi uma excelente porta de exposição.

Confiante em cada passo dado ao lado da Agência Yerene Yetu, nem o maior palco da moda de Moçambique foi suficiente para o susto. Deu passos firmes e fez da passarela seu habitat, numa presença inundada de personalidades e celebridades do país inteiro. A convicção de representar cada uma das meninas de Niassa serviu de combustível para abastecer o ego que desfilou sem se importar com os nomes ou proveniências.

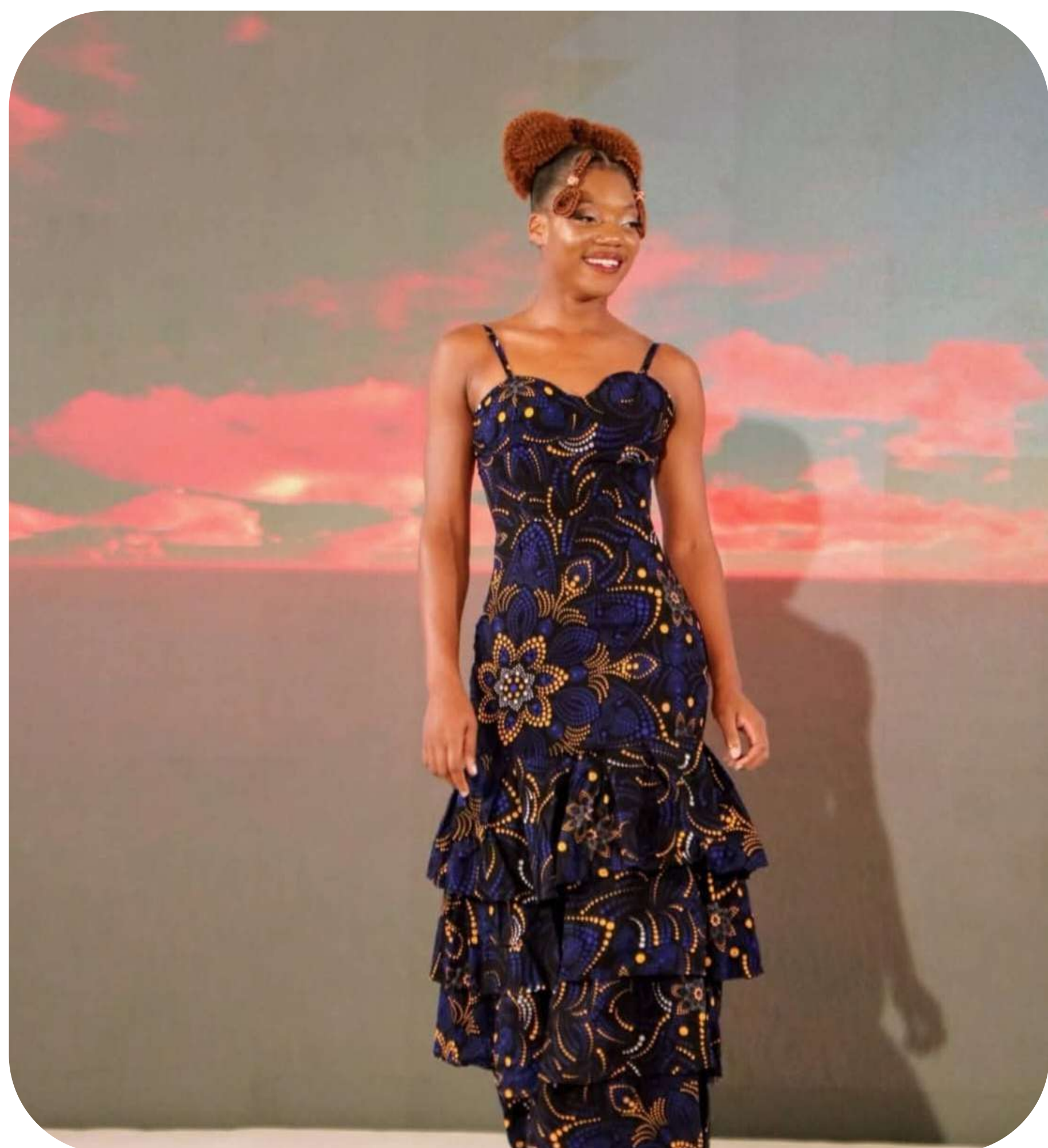
Com um total de 22 concorrentes no **Mozambique Beauty Award**, Joana Cebola alcançou a posição da **5ª Mulher Mais bonita do país.**



"A experiência foi maravilhosa, porque sou apaixonada pela moda, principalmente por partilhar momentos com modelos mais rodadas no mundo das passarelas. Com o Mozambique Beauty Award ganhei mais confiança e mais profissionalismo, para além das amizades proporcionadas"

Hoje, a mulher mais bonita do norte do país ousa sonhar mais. Anseia dar chance tantas outras meninas que sonham brilhar nas passarelas.

"Não esperava fazer parte do top 5, mas a maior conquista foi o aprendizado e a convivência que a experiência me concedeu. Graças ao Mozambique Beauty Award agora penso num jeito de partilhar a minha experiência às meninas da província do Niassa."



Fora das passarelas, Joana Cebola deslisa nos estudos, um exemplo claro de uma mulher focada e lutadora. Licenciada em Ensino de Geografia com Habilitações em Turismo, a mulher mais bonita do norte do país é também mãe, esposa e professora, sinal claro de que o seu talento se estende além das passarelas.

PUB.

CR7 DA VOZ

MC

CR7 DA VOZ

SALOU

FOR BOOKING

A MELHOR ESCOLHA PARA O SEU EVENTO!!!
DISPONÍVEL PARA QUALQUER PONTO DO PAÍS

NOSSOS SERVIÇOS

Fazemos cobertura para diversos tipos de eventos como:

- 1 Noivados
- 2 Casamentos
- 3 Palestras
- 4 Aniversários e Baptismo
- 5 Galas e Conferências
- 6 Música e Poesia
- 7 Serenatas/Guitara
E muito mais...

Avaliação



5.0

Contacto

+258 86 179 0928



Silas de Melo Entertainment



Silas de Melo Entertainment

AS MÃOS QUE ELEVAM OS EGOS DOS EXECUTIVOS A PARTIR DOS CALÇADOS

De baixo de uma árvore e olhares estrondosos, à berma da estrada, onde a sombra partilha presenças e rotinas de várias passadas, entre taxistas, agentes de carteiras móveis ou mezinhas decorradas de frutas, há uma, que de cara, ganha simpatia de todos olhares. Numa esquina bem humilde, calçados são polidos com sorrisos estampados, a cada vai e vêm, da escova sobre a mão.



No conforto das mãos de **Benjamin Miguel Wisk**, a cidade de Lichinga vive acolhida e na sua criatividade, os calçados ganham classe e progridem de forma automática para níveis executivos. Daquele ofício, sai o sustento para a família desde os anos 90.

Benjamin Wisk, assume-se um artista e na **arte de engraxar**, é um engraxador nato, sem fazer da vida alheia um martírio. Fala de um trabalho feito com alma, que roça os altos e baixos.



Na sua engraxaria, tem escovas e cores para todos calçados. Apesar da fraca afluência em tempos de chuva, a cada raiar de sol, a escova, nas suas mãos humildes, serve de terapia para egos murchos e o pão, razão do divórcio com a vergonha.

"O jovem de hoje tem vergonha de fazer esse tipo de actividade. Muitos querem trabalho de gabinete. Outros apontam o baixo rendimento como problema, mas para nós que dependemos desse trabalho, agradecemos porque ele honra o nosso sustento."

Benjamin Wisk sonha em ter uma parceria que faça sua esquina respirar ares de milagres entre quatro paredes. No espírito de comunhão, se do seu ofício dividir o pão para o sustento de mais famílias, ele se afirmaria um homem feliz.

Para o psicólogo dos calçados, a juventude precisa assumir suas responsabilidades, explorar o talento que detém com gosto.

"Na luta pela sobrevivência, devemos explorar nossos talentos e saber conciliar nossas actividades com os estudos, para aproveitar as oportunidades que podem surgir, porque o futuro não se espreita. Um homem formado vale por dois."

Esta, é mais uma estória de sucesso, que igual outras, inspira luta e perseverança na busca pelo sustento, mas também, por um pão digno do nosso esforço.



MULHERES DE NIASA DE MÃOS DADAS NO DIÁLOGO NACIONAL INCLUSIVO



De Mulher para Mulher, as caras e vozes do empoderamento feminino do país discutiram entre os dias 04 e 05/02, as políticas de inclusão e distribuição equitativa dos benefícios advindos dos diversos ganhos de recursos naturais.

Em Niassa, a partir da cidade de Lichinga, na sala de reuniões de hotel Girassol, as 50 mulheres carregadas de sentido de pertença e irreverência, acompanharam de forma remota outras tantas em cada província incluindo cidade de Maputo viam zoom, fazendo um total de cerca de 700 pessoas.

Num ambiente de festa, de coros que carregam significados e hinos da mocidade, entre os desafios apontados, a mulher e a rapariga de Niassa, falaram do défice no acesso à justiça, barreiras económicas, sociais, culturais, marginalização dos espaços formais de negociação, escassa valorização das experiências específicas das mulheres, particularmente em contextos de violência e pobreza, apesar do contributo decisivo das mulheres na construção da paz, da coesão social e da economia.

O encontro co-organizado por diversas organizações da sociedade civil ligadas a mulher, em estreita coordenação com a **Comissão do Diálogo Nacional (COTE)**, foi brindado de poesia e dança que faz de Niassa, maior destino das manifestações culturais, para de forma alegre, celebrar a oportunidade estratégica para romper com a exclusão de mulheres e consolidar um processo mais aberto, representativo e transformador.

PUB.



**POUPE O SEU BOLSO E EVITE
LONGAS DISTÂNCIAS!**

NOSSOS PRODUTOS:

- **VESTIDOS DE NOIVA**
- **TERNOS PARA NOIVOS**
- **ACESSÓRIOS**

**“O AMOR É A NOSSA
INSPIRAÇÃO, SEU VESTIDO
NOSSA PAIXÃO”**



 **Cidade de Lichinga, Av. de Trabalho, próximo da Petromoc.**
 **Cel: +258 879574842/849278487**



O evento faz parte de uma série de acções planificadas, para assegurar o amplo envolvimento das mulheres, incluindo a produção de documentos analíticos e técnicos que serão submetidos à **COTE**.

Manuela Teixeira, Coordenadora do FOFeN, espera que todas as preocupações a respeito da vida das mulheres de todas as províncias, sejam incluídas no processo da reforma que está a acontecer no país, onde serão apresentados os desafios que as mulheres enfrentam, como forma de ajudar o governo a ter um horizonte sobre as dificuldades que as mulheres enfrentam. Teixeira, mostrou-se optimista no seguimento das deliberações da reunião e aponta para uma mudança gradual, pois há mulheres a ocupar posições relevantes, tanto no sector público assim como no privado.

Por sua vez, entrevistadas pela nossa equipe de reportagem, Amélia Calisto e Anabela Lucas, ambas participantes do evento, falaram de um privilégio representar as vozes das mulheres da sua comunidade, sobretudo porque ainda persiste o medo de falar das suas vidas.

A terminar, disseram esperar que o governo receba a mensagem das mulheres como uma prioridade no futuro, para fazer da sua voz submissa, um eco de toda uma comunidade e um contributo a ter em conta no desenvolvimento do país. Para elas, apesar da existência de equilíbrio, exigem existência de mudanças na distribuição equitativa de benefícios advindos de recursos naturais tirados da terra em que também fazem parte, e o Estado confere-lhes o direito de aproveitamento.



Sem distinção do extracto social, origem e graus académicos, as mulheres de Niassa, de sorrisos largos, marcaram sua presença na reunião histórica e fizeram do lema: "As Caras e as Vozes das Mulheres Contam no Diálogo Nacional Inclusivo", uma verdadeira mensagem de guerra e garra para suas lutas.

QUANDO A ESCOLA ENSINA QUE AS ARTES ALIMENTAM A VIDA

Do mercado 7 de Setembro, popularmente conhecido por massaniqueira, na cidade de Cuamba, em Niassa, há histórias que se destacam a meio tantas outras. Uma delas é do **Subir Francisco José Niuaia**, cuja trajetória é uma obra de arte, ensina que toda aprendizagem tem um lugar nesta vida; e uma outra, **Moisés Mussa**, que das suas mãos, fala-nos de uma arte forjada sobre pneus.

O artesão **Subir Francisco José Niuaia**, contou à **UPILE** que tudo começou na disciplina de ofícios, quando com muita rigorosidade, o professor exigia dos alunos trabalhos artesanais feitos na escola. Em suas aulas, a esteira, peneira, chapéu e cestos, eram mais do que simples objectos, eram materiais didácticos.

Hoje, em meio a dificuldade, nenhuma necessidade resiste à sua arte. Os trabalhos pelo tempo aperfeiçoados, enfeitam prateleiras e orgulham as mãos que ousaram sonhar numa vida além das contas.

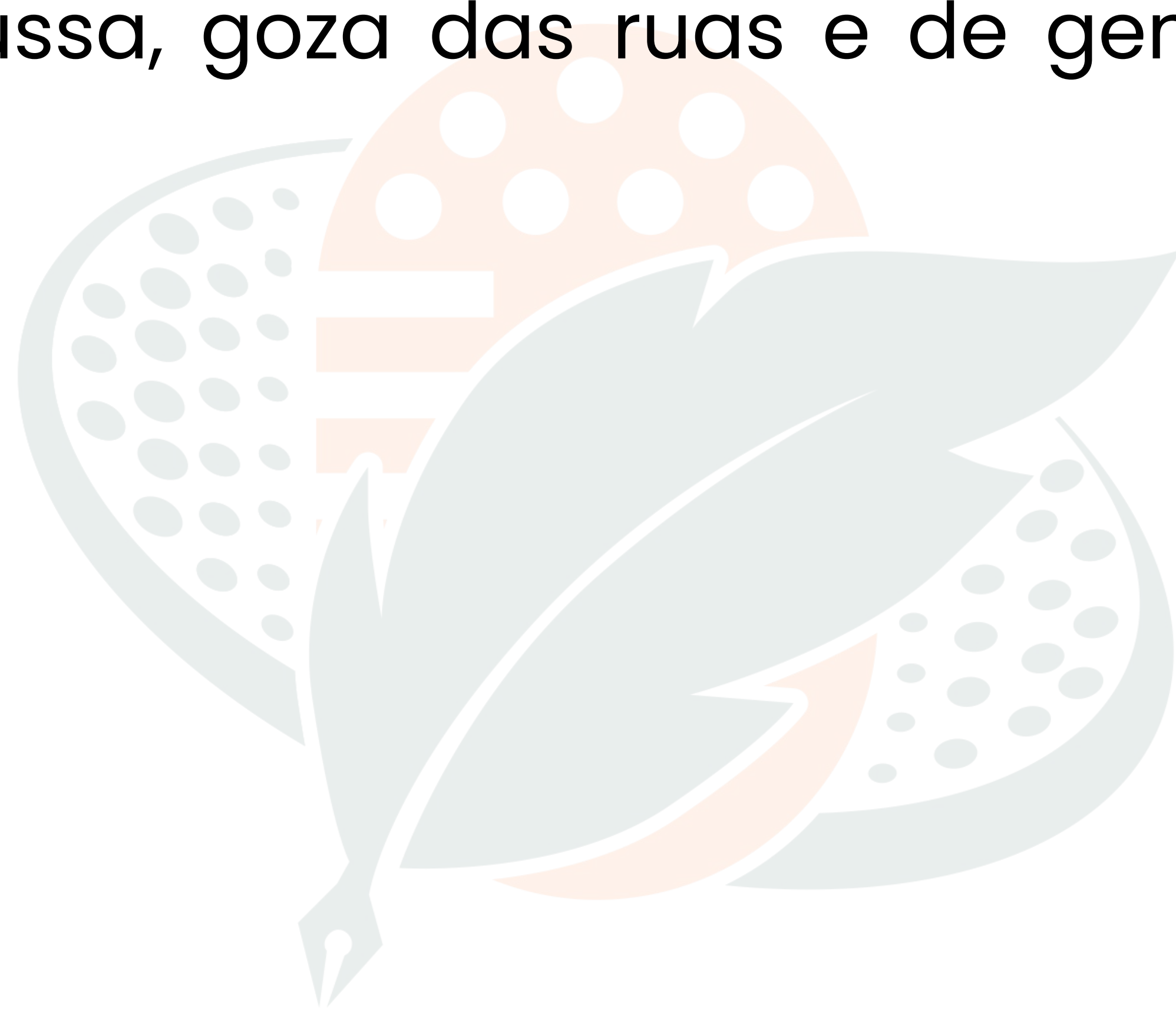
Para o artesão, a palha do cizal, o bambú e outros materiais, são eternas almofadas para o conforto dos seus sonhos. Como qualquer artista, deseja exhibir sua arte ao mundo, para inspirar e despertar gosto pela disciplina de ofício nas escolas.



E na arte dos pneus, **Moisés Mussa**, encanta e conforta pés de todos tamanhos e passos. Cada um a sua medida, desliza, ainda que um passo de cada vez. De pneus cansados e marginais, a arte revelou-se chinelos e acompanham a trilha sobre o asfalto.

Com essa façanha, **Moisés Mussa**, venceu a vida e fez dos chinelos, uma tendência para os visitantes de Cuamba, e da massanqueira, um ponto de encontro. Dos pneus, pariu sonhos, que hoje, velejam a prosperidade.

Igual nas aulas de ofício ou em cada borracheira, hoje, o mercado da massanqueira é a escola da vida. Ensina a ganhar o sustento, enquanto encanta na arte. E através dela, o tempo trouxe pão e em compensação, também veio o reconhecimento, que tanto Subir Niuaia ou Moisés Mussa, goza das ruas e de gente que aprecia a criatividade.



"O LANÇAMENTO DE LIVROS NÃO SIGNIFICA ALTA DA LITERATURA"



As artes e cultura de Niassa, do cume do planalto de Kutchinga viram nascer nos anos 90, aquele que estava destinado a ser um dos porta voz da sua história e mística.

Desde cedo, o gosto pelas artes evidenciou-se nos mergulhos em páginas gigantes para a sua idade. A mesma idade que não o parou quando em 2006 os remos em enciclopédias deram-lhe o prémio de melhor leitor infantil na literatura portuguesa, expandindo assim seu gosto às outras expressões, a música entre elas.

Parido das terras do yao, seu nome fala um idioma de bonança, cujos ventos ainda sopram em direcção certa, quando em cada escrito, relembra suas infâncias, a umbilical e a literária. Mbepozine Macheche, alimenta sua escrita na empatia que nutre pelos eventos adversos, por isso, ainda que em contramão, questiona o mal que rodeia o mundo e das suas mãos, o verbo fala amor e educa sempre que conjugado.

Na sua viagem de estreia, deu sinais de inconformismo com o Signo Apático, onde o autor revelou-se um mensageiro que fala as línguas do mal e do bem. E na sua mais recente aterragem, ainda longe do destino, questiona a Identidade do Coração. Nessa viagem, de balde, **Mbepozine Macheche**, busca a verdadeira face do órgão humano.

Mais do que um simples portador da mensagem, insurge-se com um coração que ora sente amor, ora ódio. Um coração simultaneamente de guerra e paz. Aterrorizador e apaziguador. Uma ambiguidade identitária que alimenta ainda mais o desejo da palavra.

"É difícil apurar a verdadeira face do coração. O coração é falso, tendo em conta o rumo das coisas. Por isso questiona se como um coração pode fazer promessas de amor e simultaneamente, matar ou destilar venenos?"

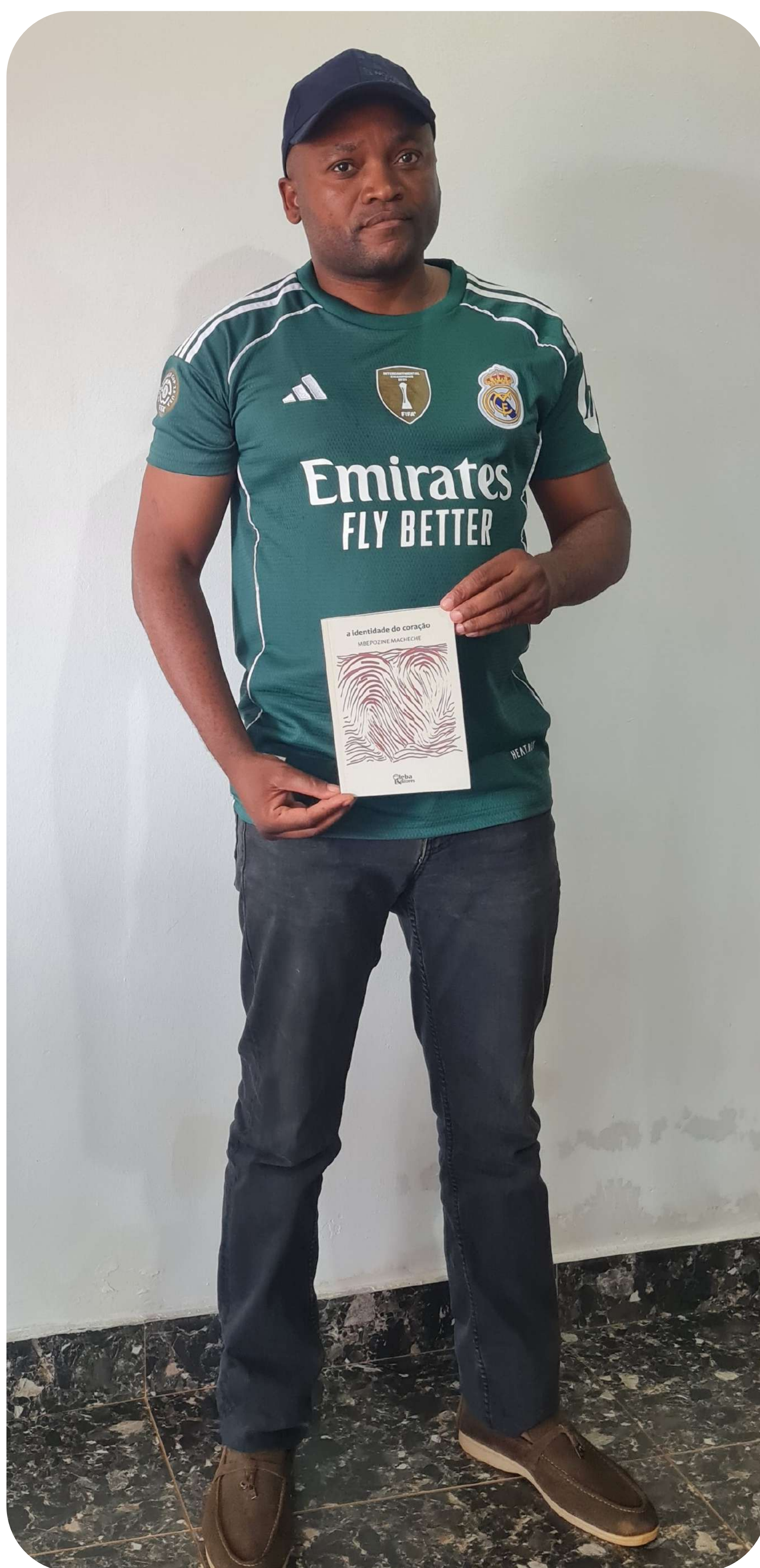
Para o autor, pratica-se mais a mentira que a verdade. A verdade vive oculta. Por isso, a mentira é a camuflagem da verdade; a nossa maior companhia, por que vivemos e convivemos mais com ela que a verdade, embora as vezes seja um mal necessário.

Aos novos escritores, aconselha mais criatividade e ousadia, acima de tudo, humildade para busca de apoio dos outros autores ou entidades com gosto nas artes como a Silas de Melo Entertainment, entre outras. Lamenta que muitas histórias ricas em conteúdos terminem em gavetas por falta de apoio para publicação.



Mbepozine Macheche vê como monótono o movimento literário de Niassa e explica: faltam saraus culturais, oficinas literárias e dinamização de clubes de leituras, entre outros movimentos. E ainda acrescenta: o lançamento de livros não significa alta da literatura. Como contributo, aponta o projecto de reactivação do movimento literário em Cuamba, com o clube de leitura local em foco.

Sobre a Identidade do Coração parido recentemente do ventre da Edições Cais em Nacala, o escritor prevê que em Março próximo chegue nas mãos e amoleça a garganta dos leitores de Niassa. E ainda para este ano, pretende colocar o coração na balança, onde à medida do Peso da Consciência dará voz aos arrependidos.





ENTREVISTA

"NÃO EXISTE, NÃO TEMOS UMA INDÚSTRIA CULTURAL E NEM CRIATIVA EM MOÇAMBIQUE"

Presença Assídua Nos Programas De Entretenimento Dos Maiores Canais Nacionais, O Activista Cultural, Altino Mandlaze, Fala De Um Estado Anímico Das Artes E Recomenda Um Recesso Para Garantir A Produção E Rentabilização Do Produto Local

O activista e analista cultural, ALTINO MANDLAZE, que no mundo das artes e cultura se assume como um cortesão não pago. Um olheiro não contratado, um guardião da tradição e espelho da progressão. Um indivíduo que não espera perguntas para expressar suas crenças na capacidade de transformar e tornar os movimentos culturais de maior qualidade e sustentáveis.



O também escritor, vê se como um mero mortal das críticas des (construtivas) das artes e cultura, e de forma mais ousada, assume o risco ainda que hipotético: *"talvez eu seja o único romancista moçambicano que dialogou com o diabo em a Entrevista com o Diabo, e igualmente, o único poeta em Moçambique e no mundo que escreveu o pior poeta do mundo em Poetas em Coma"*.

Para o activista, fazer o activismo cultural numa sociedade hostil ou aversa à crítica como a moçambicana, significa perseverar ou lutar pela preservação do maior e melhor dos legados que pode deixar aos filhos, a cultura, que como dizia o Marechal Samora Machel: *"é o sol que nunca desce"*.

Ainda, aponta a razão para o colapso das artes, a proliferação das manifestações artísticas estrangeiras no país, e a culpa desse desiderato, está na fome e na falta de incentivos por parte de quem devia pagar e motivar os fazedores das artes na produção de conteúdos nacionais em detrimento dos importados.

"A arte virou negócio, e quando se chega a esse nível, a cultura deixa de ter valor e passa a ter preço."

Altino sustenta que a arte deve ser ensinada, apreciada e não financiada, pois no seu entendimento, financiar a arte é assumir que ela não produz riqueza, que não se sustenta.



"A arte é um produto de valor por si só, se o artista não consegue vender sua arte, uma manifestação cultural que devia identificar um certo grupo ou não é arte ou lhe falta algo."

Face aos desafios sobre a indústria de entretenimento fora das grandes cidades (Maputo, Beira e Nampula), para o analista, cabe aos fazedores de entretenimento fortificar a indústria e investir no futuro. Para ele, falta ousadia aos promotores, o que gera fraca valorização aos artistas locais, consequentemente, conduz à crença de que para o sucesso de um evento, deve se apostar em artistas de fora da região ou do país (Angola) e na falta desses, ficam inanimados.

O analista cultural, vaticina o domínio da mídia social, onde o espaço cibernético capturou a atenção da juventude. Aponta as polémicas como maior recurso da mídia tradicional, colocando em segundo plano a qualidade, depois da insanidade. Em ascensão, Mandlaze indica as plataformas digitais, das quais faz uma apreciação positiva, embora não suficientemente bem aproveitadas por a maioria dos criadores de conteúdos nacionais (humoristas) fazerem réplica de conteúdos estrangeiros (nigerianos).

Sobre os criadores de conteúdos que ainda se dedicam em temas educativos, originais e próximos a realidade, Altino Mandlaze, a dedo indica Coelhoinho, que inspira pela idade e qualidade.

Na visão do crítico cultural, o artista que vive em Niassa ou em qualquer local, não precisa competir com artistas da capital ou outros das grandes cidades.

E acrescenta que é a competição que mata o artista, ele precisa se vender primeiro na sua zona de conforto (localmente) e somente depois para o mundo, pois se nem entre os seus consegue singrar, como singraria no país inteiro? Talvez por sorte.

"O Kadoda só bateu porque era original... entrou em monotonia, vendeu muito, mas parou no tempo."

Clínico e muito cuidadoso, Altino sustenta que o kadoda só teve impacto por ser um produto original, o que reforça a posição de que a arte não tem fronteiras. Entretanto alertou: o kadoda entrou em monotonia, vendeu muito, mas agora parou no tempo, pois pouco se cria e corre o risco de seguir o caminho dos outros fenómenos como o bondoro ou pandza.

É assim como **Altino Mandlaze** antevê o futuro do produto cultural mais mediático que Moçambique criou nos últimos tempos. Que, entretanto, quando questionado sobre o que pode estar a falhar na indústria cultural e criativa de Moçambique, de forma mais contundente e directa, afirma: *"não existe, não temos indústria cultural nem criativa em Moçambique"*.

Para o efeito, ele sustenta que o país teria que fazer um recesso. Pois, apesar da existência de conteúdo, este apenas serve para eventos como festivais nacionais, sem nenhuma continuidade pós cerimónias. O consumo do produto cultural depende do que se oferece ao público e do que este é capaz de pagar, mas em Moçambique temos artistas nacionais que vivem da arte estrangeira, ou para se manter ou pela obsessão de venda.

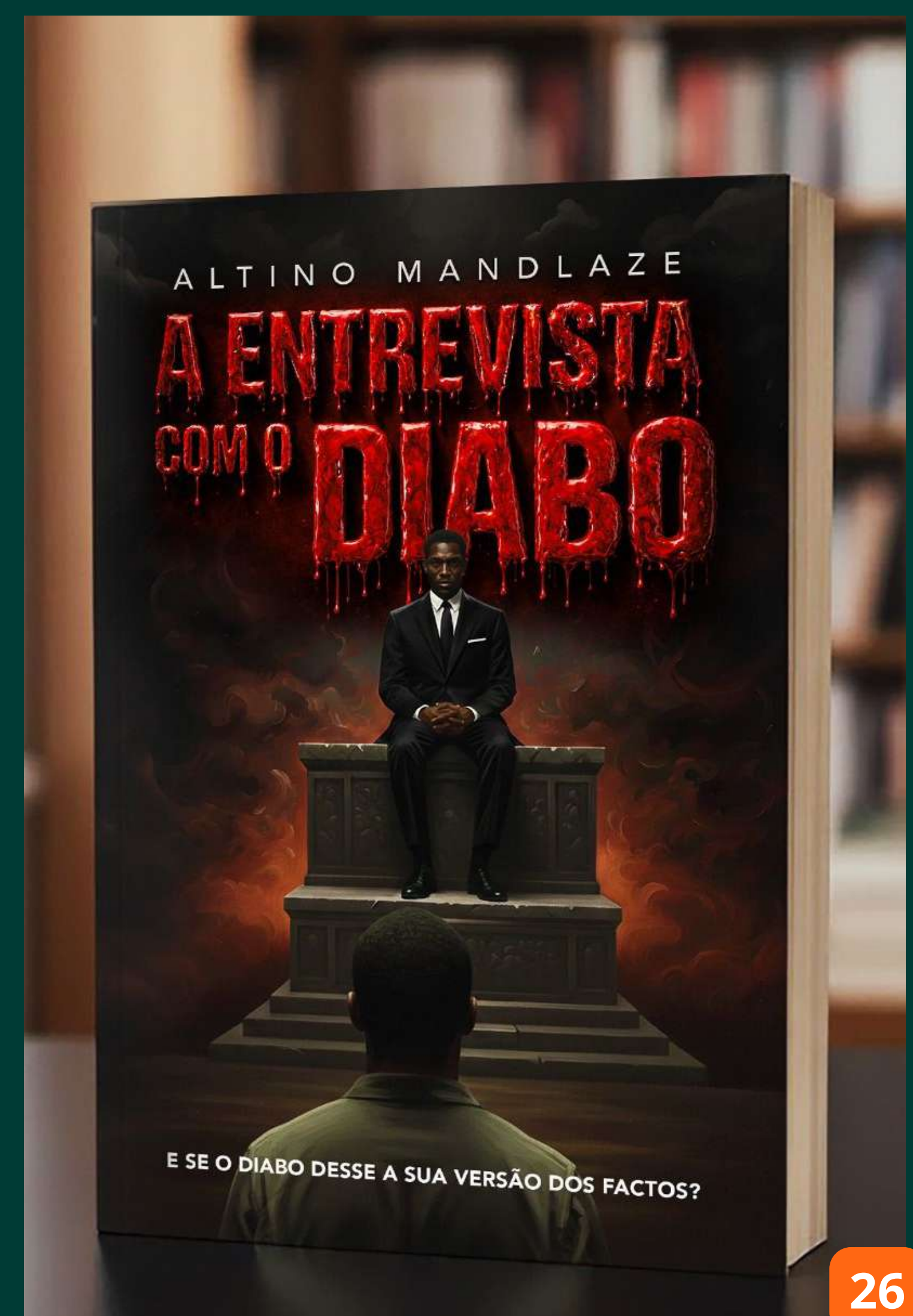
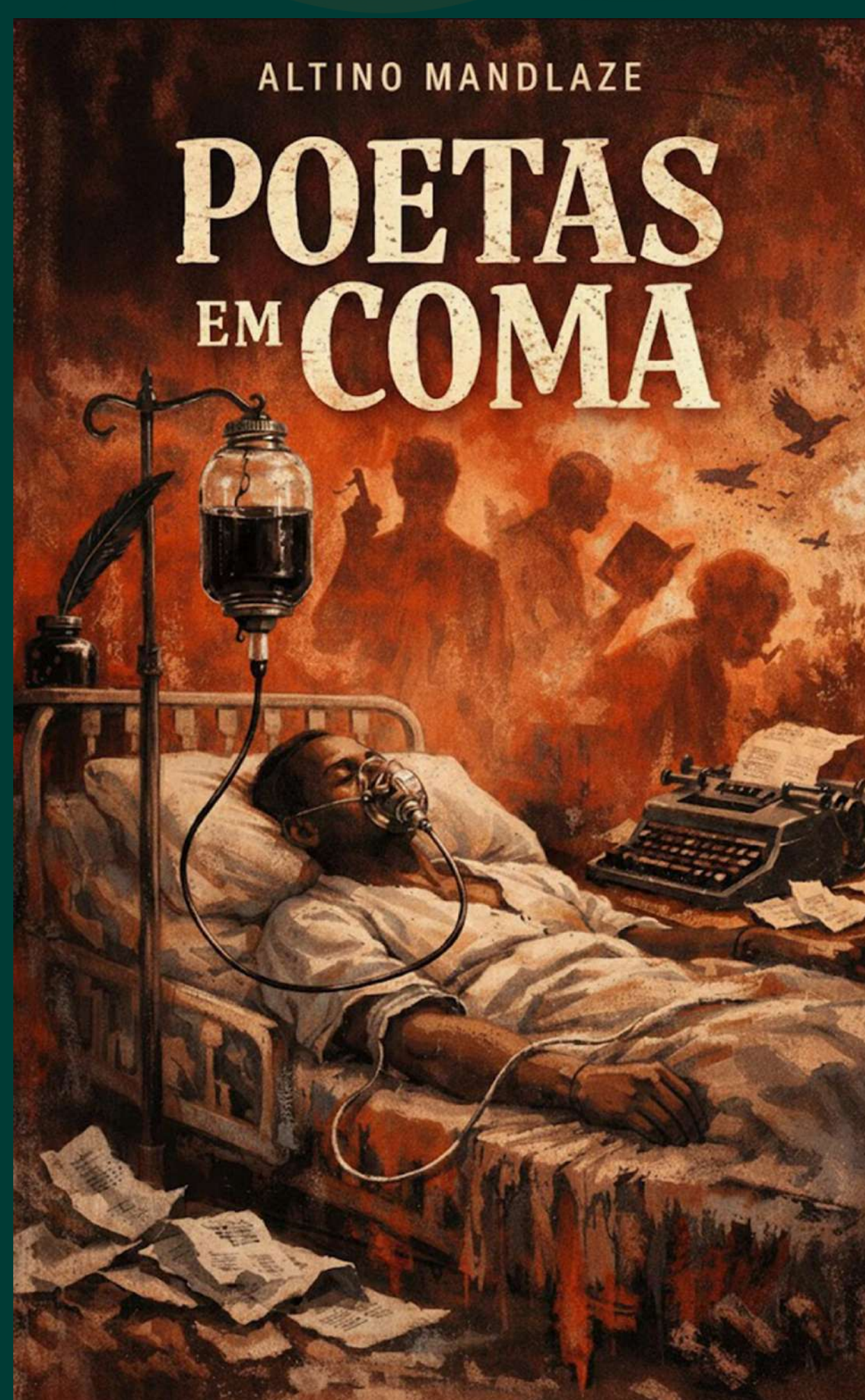
Ainda, para o Altino, o dinheiro produzido pelas artes, a parte que fica não permite a construção de uma indústria. A maioria da receita gerada pelas artes e cultura vai ao estrangeiro. O recesso permitiria criar políticas proteccionistas, para garantir que o que a cultura e entretenimento produz fique, e depois as políticas expansionistas, para gerar renda no país a partir do que se produz fora.

Para o Altino, o primeiro ponto para a construção de uma indústria é a gestão de carreiras artísticas. Na sua visão, o artista devia ser uma empresa, entretanto, em Moçambique, o mesmo, cria arte, é empresário, agente, assistente, produtor, compositor e investidor de si próprio. E mais, afirmou que há muita diferença entre os caches que Moçambique paga aos artistas estrangeiros em relação aos nacionais, e acrescentou que tal deve-se à falta da estrutura do combinado nacional.

"Como eu, há muitos moçambicanos que escrevem, apenas lhes falta oportunidade de editar, pois em Moçambique quase não há editoras para livros, apenas gráficas."

Na sua obra de estreia, **"A Entrevista com o Diabo"** Altino Mandlaze, diz dar oportunidade a cada leitor de dialogar com diabo e inclusive no final poder matá-lo. Fala de um confronto honesto no qual o leitor se vê mergulhado, e sugere que o mal não é uma figura externa e mística, mas um residente das próprias mentiras, ganâncias e indiferença. Na sua saga de escrita, em menos de duas semanas, o escritor, lançou o segundo livro, o **"Poetas em Coma"**, que para si vai muito além de oferecer versos. É um manifesto para o despertar da alma humana. Uma crítica à modernidade líquida, que pretende expor as fissuras da era digital. Mais adiante, fala de uma era de solidão acompanhada, onde se troca cartas de amor por favores de mercado e conexões reais por algoritmos frios.

À UPILE, Altino Mandlaze, augura um futuro risonho, sobretudo se a aposta for forte nas redes sociais onde o mundo actual se conecta e vive. Apesar disso, criatividade e inovação sempre na dianteira.





ESPECIAL SÃO VALENTIM

CASAL JOSEFA MACADONA SEMEDO E NILTON SEMEDO ABRE SUAS PORTAS PARA FALAR DO AMOR



Num bairro cheio de deserto, há um portão, cujo verde anuncia múltiplos significados. Fala vários idiomas em linguagem de fartura. E de dentro, abunda amor, muito amor. Há amor em cada gesto; no olhar, na risada ou no canto dos pássaros.

Cada presença naquele quintal, celebra o **romance** do **casal Nilton Semedo e Josefa Macadona Semedo**. Desde a aura, a cumplicidade, o respeito, a amizade, o diálogo, sobretudo em momentos críticos da relação, a intimidade com que cada palavra é expressa, revela mais do que uma simples união, encarna a forma mais ideal de vida a dois.

O ponto de partida foram as trocas: a de olhares, com alguma timidez á mistura, porém, facilmente diluída por um simples empurrão; e de seguida, a de contactos, que desde aquele feliz encontro, morram em seus telemóveis, apenas com outros nomes.



Logo no início, digno de uma novela, sem dar muito nas vistas, o cavaleiro pediu a mão de sua pretendida em casamento. Era um começo promissor. Um arranque de vida conjugal perfeito. Dois anos mais tarde, quando o ponteiro cronológico apontava para 2018, na presença de uma plateia escolhida a dedos, fizeram juras de amor para simbolizar uma união que hoje dura 11 anos.

Sempre descontraída e mais solta, nenhum título profissional habita dentro do lar, nem mesmo o de **Delegada da Rádio Moçambique, Emissor Provincial de Niassa**. Para **Dona Semedo**, o esposo é o mais carinhoso e atencioso. Admira o companheirismo e a entrega do parceiro para os mais próximos, sobretudo para as crianças, que vivem a sua entrega total. Ainda confidenciou: *"nos momentos difíceis é sempre presente com muito amor, divertido e com uma estória sempre por contar."* Enquanto para o varão, da sua varoa, enaltece o puxão de orelha, a exigência e o foco. Diante dessas qualidades, nenhuma patente se eleva.

O **casal Semedo** tem na jardinagem a maior paixão. Os dois são apaixonados pelas plantas. As variedades de espécies de plantas que os cercam e morram na casa são disso exemplo, ou ainda, a esquina de arranjos florais nas proximidades da praça da liberdade, em Lichinga, expressam melhor essa paixão. Mas também respiram a arte, onde na dança, encontram fôlego para a vida. E as tarefas a dois, tem sido uma das formas de criar conexão e fortificar a amizade.



"Fazemos tarefas juntos. Ou então um na companhia do outro. A presença no mesmo local é fundamental. Contamos um com outro. É divertido cuidar de plantas juntos, nossa maior paixão. Até no momento em que o trabalho nos colocou distantes, um do outro, a união foi mais forte. Fazíamos programas e cruzávamos sempre que pudéssemos. Somos muito presentes, um para o outro"

Sem medidas, no casal, é consensual que o homem seja o mais romântico. Fala mais do amor, no verbo e é o mais grudento, embora a mulher também romântica, mas nas atitudes. **A tia Macadona e o tio Nilton**, defendem que o diálogo é fundamental para uma pronta resolução de problemas de modo que não cresçam a ponto de colocar em causa o relacionamento.

Como qualquer outro casal, o **Sr. e a Sra. Semedo** já experimentaram por momentos desafiantes. O maior desafio, foram as amizades. O comportamento da vida solteira no casamento foi um choque que com o tempo, o amor venceu e as amizades encontraram o devido lugar na relação.

Para a comunicadora e para o militar, todos os dias são um momento de celebração do amor. Embora alguns programas de saída em casal ajudem a relação a fugir de rotina. Para eles o programa perfeito de São Valentim é a renovação permanente de votos, a declaração de amor e demonstração de afinidade, cumplicidade, são actos que expressam o amor acima de qualquer programa.

Quando espreitam o futuro, os dois se vêm juntos na farma, respirando o ar fresco, rodeados da natureza. Sonham com um futuro natural, simples, mas decorado da biodiversidade. E para outros casais, sobretudo os mais jovens, aconselham empatia e muita seriedade. Que nada, nem os títulos ou preços coloquem em causa o relacionamento.

"É tudo muito diferente, por conta do materialismo o romance tem sido colocado de lado. Hoje em dia, não há muita cumplicidade ou seriedade entre os casais. Os relacionamentos não são saudáveis, vulgariza-se o sexo. Outro problema tem sido a falta de paciência. O casamento serve para selar a união, não para mostrar luxo acima de sentimentos."



ESPECIAIS SÃO VALENTIM

No olhar na vida social, o casal fala da competitividade, da moral e da educação como problemas que mais afectam os casamentos. Mais adiante aponta a abertura dos pais para com os jovens ou a religião, como saídas para um crescimento ideal e formação da família.

A terminar partilham uma mensagem que carregam desde o dia do casamento

"Briguem todos dias, mas nunca durmam chateados um do outro porque a noite é longa!"





OPINIÃO



MENU

ENTRADAS

PÃO DE ALHO COM QUEIJO	250 MT
CAMARÃO ALINHO	400 MT
CAMARÃO PANADO	400 MT

SANDES/ TOSTAS

QUEIJO	75/150 MT
OVO	75/150 MT
ATUM	100/200 MT
FRANGO	150/250 MT
MISTA	150/250 MT
CARNE	200/350 MT
OMELETE DE QUEIJO	200 MT
OMELETE DE ATUM	250 MT
OMELETE DE CAMARÃO	300 MT
OMELETE DE FRANGO	300 MT



NEM É SOBRE AS MULHERES

De: **Antônia Maugente**

Gostava de falar de mulheres, das que inspiram, das que dão vida ao lar e respiram vida na sociedade. Da Mulher que, outrora, foi escudo e retaguarda do grande homem, elo puro, mãe do Universo, metáfora pronta nos discursos alheios. Mas anda raro encontrar uma Mulher. E as poucas que se encontram, já não sei se se seguram com as mãos, os pés, os olhos ou os bolsos. Está difícil.

O que mais se vê são postiços. Ora as ancas ficam no rosto, ora no lugar certo ou incerto; até ancas desajustadas encontramos. E nem gostaria de falar das nádegas jardadas ou injetadas com sabe Deus o quê. Falo por memória daquelas nádegas que fizeram o meu pai esquecer o rancho e adiar a compra do material escolar.

Pouco tenho lido a Bíblia, mas tropecei num trecho insistente:

“Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei alguém que o auxilie e lhe corresponda.”
(Gênesis 2:18)



Essa correspondência, hoje, parece uma gestão terceirizada, uma gestão “amantal”. O tio Castigo é o Adão; há o tio Serpente, que tem feito a maçã brilhar; há o tio do Ranex e mais outros. A tia Eva administra tudo, inclusive os pecados alheios. E o alívio do tio Castigo é a cabangueira de Muchenga; ao menos ali, sente-se o dono do jardim.

Perdeu-se a missão e acolheu-se a palavra “empoderada” sem sequer saber o real significado da palavra.

Taparam-se os olhos e levantaram-se as saias, e algumas deixaram-nos bem abertos, não para ver o mundo, mas para ver quantos podem levar à perdição.

A adjutora, ajudadora, auxiliadora, nem sei o caminho que tem levado; chega-se a pensar que trocou de papel com a serpente. Às vezes penso que tudo não passa de teatro e que certas pensões da cidade são partes do roteiro de um filme educativo mal-intencionado para gerações futuras.

Não é novidade que aquela tia gere o Adão próprio e vários emprestados, enquanto, ao domingo, se canta no grupo coral, com tanta devoção, santidade e respeito para com o marido das outras. Nas pensões pensa-se muito. Talvez devêssemos pensá-las com mais seriedade: nos muitos pensamentos que ali se gerem e nos atendentes que conhecem segredos de todos os “Adões” que a esposa do tio Castigo tem gerido. Certas mulheres deviam ser apelidadas de *“bor...”*, *desculpa*, *“berçário”*. É surpreendente o número de bebês que precisam de atendimento e atenção; são bebês abandonados que preferem as madrastas.

Os homens também mudaram. Antigamente, dizia-se que não eram fofoqueiros e tratavam das coisas mais importantes da vida. Vá a um grupinho de homens hoje: o assunto são as lulas mal passadas ou bem engomadas da esposa do tio Castigo e o preço que a madame faz. O que era carne exclusiva do tio Castigo tornou-se abastecimento de toda a cidade.

É surpreendente a expansão do negócio das lulas: as donas dos turbantes estão lá, as cristianizadas de véu também estão lá, as ateias competem com as devotas. As casadas disputam as boladas com as solteiras; a fila cresce, desnutrindo a reputação das poucas que ainda se reconhecem Mulher e desempenham a função.

O legado passa. Há crianças que sonham vender lulas porque aprenderam cedo qual é o negócio mais lucrativo. Existirão Mulheres no futuro? Se existirem, serão lulas frescas ou apenas restos podres? Aquela que devia inspirar e educar precisa, talvez, ser reeducada. Perdeu-se no luxo e assentou-se num trono improvisado de desperdícios afetivos (des)funcionais. Chamem-na de volta.

Como disse antes, NEM É SOBRE AS MULHERES.

METAMISERISMO

Entre a Palavra Vivida e a Palavra Encontrada: o sonho! Em “o colono preto saiu do guarda-fato” de Sérgio Raimundo

Por Deusa d’Africa



Metamiserista

Quando o Sérgio Raimundo também conhecido por Poeta Militar, compartilhou a imagem da capa do novo livro, antes de aceder ao livro, ocorreu-me haver intertextualidade entre o título “o colono preto saiu do guarda-fato” com o romanesco do camaronês Mongo Beti: o pobre Cristo de Bomba; um missionário católico que, ao visitar a sua paróquia, descobre com perplexidade que todos os males locais têm origem na própria Missão.

Ainda que sejam géneros distintos, no de Poeta Militar apresentado em crónicas e no de Mongo Beti em romanesco, entretanto, ambos denunciam o colonialismo que combate um povo e fazem-no recorrendo a sátira, e é nesta perspectiva que ocorre a concatenação.

Não se pode confundir a anestesia com a esperança!

Camilo José Cela in “a Colmeia”

“sonho com uma revolução sem ideologia, onde o destino do ser humano, seu direito a comer, a trabalhar, a amar, a viver a vida plenamente não esteja condicionado ao conceito expresso por uma ideologia, seja ela qual for.”

Jorge Amado in “o Menino Grapiúna”

Início esta jornada invocando os autores: Cela e Amado, porque na minha crença toda a celebração tem de invocar o tempo para que o espírito se manifeste sobre a carne. E que será a arte se não a manifestação de coisa alguma!?

O que motiva o autor a escrever sobre o colono preto, é o facto de ter nascido neste país cheio de colonos pretos. Colonizamo-nos a cada gesto em que oprimimos o outro, desnecessariamente, e tomamos o lugar do colono que dissemos tê-lo vencido, entretanto, substituímo-lo e tomamos o seu chicote para que o apliquemos em outros nossos irmãos. A busca pela justiça social e uma sociedade melhor onde haja equidade inquieta o autor de “o colono preto saiu do guarda-fato”.

Logo a prior abre-se a página do colono preto com o seguinte excerto do poeta francês, Apollinaire, “Piedade para nós que trabalhamos na fronteira do ilimitado e do futuro”. Aqui, o autor confessa tudo o que sonha para com o seu povo: piedade. Que este colono preto, tenha piedade de seus irmãos.

“Assim, queres começar, Sérgio” (...), este texto das páginas 10 e 11, apresenta-se como prelúdio e o autor apresenta o seu projecto em género textual de crónica e anuncia deixando nas entrelinhas que “aí tem”, tal como reage a mulher, quando o seu esposo a informa que passará a noite fora, e ela responde dizendo: assim, queres começar. Vemos o homem aqui descrito, a reagir diante desta construção verbal da seguinte forma: o meu primo, totalmente diluído de medo, passou por cima de grades de cerveja gelada, espectadas de carne de porco e uma animada música. De acordo com o autor, a mulher usa este termo: assim, queres começar, como sinonímia de termos como cão, malandro, desprezível e etc.

Pode se depreender que o termo “assim, queres começar”, é o desarmamento de qualquer plano e instalação da ordem diante do caos e de desacertos. Nestes termos, fazemos desta significação para compreender que o Poeta Militar, prepara o leitor advertindo-o que nas páginas seguintes do livro irá desinstalar o caos e desacertos, e reveste-se da autoridade da mulher que faz o homem atravessar grades de cerveja gelada e corre para casa. Entretanto, assim, começa o autor nos fazendo atravessar as grades da fissuração e voltarmos para dentro de nós e repõe a ordem.

O texto da página 12, intitulado “Quando não trabalhas”, em que descreve a forma como a sociedade trata o homem desempregado, dizendo que: quem não trabalha deve disputar os cantos de casa, todos os dias, com a poeira e ratos (...) a família transforma-te num pequeno técnico de coisas pequenas: pregar botões de casacos, colar solas de sapatos, lubrificar fechaduras e chaves, seguir pegadas no quintal (...). Este texto é polissémico no seu pendor. Não te enganes, caro leitor, pensando que o Poeta Militar se ocupa a entender actividade de caça-ratos, caçador de poeiras ou mesmo de um desempregado. E nota que o texto termina dizendo o seguinte: quando não trabalhas ganhas um novo nome (...) ao telefone dizem bem alto para ouvires: o Paulo, o Lucas, a Lina, o Paíto e a Inês estão bem; o resto está na mesma.

O resto és tu que não trabalhas, seu desgraçado. Esta mente satírica, diz muito por aqui, estas pegadas ao amanhecer que são seguidas por este indivíduo que não trabalha se reverberam nas nossas acções factuais, quando se nos é confiado uma missão e deixamos de trabalhar tal como se espera, mas nos tornamos nesta figura que preenche os vazios.

O texto de Poeta Militar rememorou-me uma conversa com um amigo que dizia: mas este ministro só aparece na imprensa quando morre alguém e se lamenta sempre. Aí pensei, se um ministro que tutela os interesses públicos num domínio, apenas aparece para se lamentar de quem perece, devia ser ministro de lamentações. Que se crie este pelouro! Porque fica evidente que assim cumprimos com a nossa missão de caçar ratos, cuidar da poeira, ou de fazer as lamentações tal como bem o sabemos fazer. O sistema está fodido, amigos!

Segue-se o texto “um bocejo que me assustou muito” da página 15, em que descreve bocejos assustadores e até que monstruosos. No entanto, o bocejo representa o preparo do sono ou descanso.

No texto da página 16 “assim falam os nossos cobradores”, descreve a sina de quem anda em autocarros, um exercício que independe de títulos académicos; descreve um doutor cujo título não coube no chapa do cobrador e foi ignorado em plena estação, para dizer que, para ser afinado em chapas não se pode portar títulos. Ocorre também o uso de neologismos como o termo quinhentxu para se referir aos quinhentos meticais.

Na página 20 faz a classificação canina dos nossos analistas de televisão que os estrutura em 5 grupos seguintes:

1. Cães de gaiola: os que ladram e ameaçam, só para assustar os distraídos, mas no pescoço têm a coleira e ao fim-do-dia recolhem à gaiola.
2. Analistas Bobi: os que se dedicam em coisas fúteis, mas temem enfrentar ao ladrão.

3. Cães de fechadura: os que ladram atrás da fechadura da porta porque tem medo de enfrentar de frente a quem assalta a casa. E esses são mais perigosos, pois atacam a todos, menos o que comanda a tigela de ração.
4. Cães vira-latas: saltitam de televisão em televisão com o microfone entre as pernas, carregados de raiva que procuram uma família que os acolha e proteja-os do frio, dos ossos sem sabor das esquinas, das pedradas de rua e moscas nas feridas das orelhas;
5. "Cães híbridos" (grifo meu): que são analistas que parecem ter nascido do cruzamento de raças caninas diferentes. Uns que cruzam, por isso, ideias e informações, são bravos e atacam, mas nunca aparecem sempre, são chamados nomes, combatidos com balas e pedradas, são isolados porque são perigosos demais para a nossa sociedade.

Nesta senda, convido ao digníssimo leitor a reflectir no grupo de analistas com que se identifica na perspectiva apresentada por Sérgio Raimundo.

Na página 24, encontramos a crónica clássica "fomos enterrar o nosso director" onde se descreve a disputa pelo poder em que todas as estratégias são válidas para tirarmos quem estiver no nosso caminho.

A irreverência de Poeta Militar reside na simplicidade com que se comunica ao escrever, a carapaça e as antenas que tem revelam as feridas que há em nosso corpo. Um pensamento distópico de compreender a dor porque ela doi. Este raciocínio pode ser compreendido a partir de Sartre (2004, p.19) que diz o seguinte:

Assim a linguagem: ela é nossa carapaça e nossas antenas, protege-nos contra os outros e informa-nos a respeito deles, é um prolongamento dos nossos sentidos. Estamos na linguagem como em nosso corpo; nós a sentimos espontaneamente ultrapassando-a em direção a outros fins, tal como sentimos as nossas mãos e os nossos pés; percebemos a linguagem quando é o outro que a emprega, assim como percebemos os membros alheios. Existe a palavra vivida e a palavra encontrada.

Vide o excerto concernente, página 29: a casa vai sendo modificada sem ser mexida. A casa continuará, as tocas dos ratos foram fechadas e nenhum rato foi morto; os ratos já começaram a cavar novas tocas em novos lugares. É o novo governo dentro da casa.

Pensar em ratos que se mantêm em todos os ciclos, conduz a narração de Júlio Cortázar em “Histórias de Cronópios e de famas” no texto intitulado “o homem sem moralidade”, que descreve o homem que vendia palavras e gritos para o povo e decidiu ir vender para o ditador alegando que seriam as suas últimas palavras antes que fosse fuzilado, o que lhe valeu a prisão, mas no dia seguinte o ditador fora preso por seus generais e morto antes que dissesse as palavras que pretendiam vendê-lo. Para dizer que, o Poeta Militar também se ancora ao raciocínio de Júlio Cortázar.

As saudades por Azagaia confessam-se na página 35. Homenageia Rosita Pedro, pelos 25 anos, referimo-nos a menina que nasceu no topo de uma árvore nas cheias de 2000 em Chibuto.

Há também neste livro, um texto sobre o episódio horrendo da moça atropelada pelo blindado da polícia durante as manifestações, e é ainda nestas manifestações que se ocupa a descrever “as três profissões que surgiram com as manifestações:

Doutor desliga-internet, Porta-Cara-Sem-Vergonha que defende o património do Estado e o Observador Lunático, o que nada vê no que se vê.

Na página 47, ocorre um exercício bastante interessante, de reflexão no uso de diminutivos de nomes, uma prática actual e resulta em casos de Dr. Cus, que se refere a Dr. Custódio, Cons, Constância, e “até Já nosso anjo” numa notícia necrológica sobre Jacinto.

De acordo com o poeta francês, Rimbaud (2014, p.5): (...) E então, quando tu tens fome e sede, tem sempre alguém que te manda passear. Não será este colono preto que nos manda passear diante da miséria social que vivemos?!

Lê-se na página 52 o seguinte: todos temos direito de amar, mas isso não nos dá o direito de escolher os nossos namorados.

Esta construção precedente, assim como tantas outras aqui constantes, conduzem-nos à reflexão dos 50 anos de independência que o país celebra neste ano. Os prós e contra, conquistas e desafios. Desde o judiciário, desintegrado em textos como os que dissecam sobre as eleições, em crónicas como: a vergonha que passei no dia 09 de Outubro; sobre a cultura versus política em: tio Mondlane, viste a tua nova estatua; sobre o desemprego em: a espera de quem procura por um emprego. Há ainda assuntos como “os raptos em Maputo” e entre tantos outros, que abordam assuntos que enfermam a sociedade moçambicana.

E é da página 69 que surge a crónica que dá título ao livro “o colono preto saiu do guarda-fato”,

para descrever o senhorio que aparece quando se extingue a luz e tudo fica às escuras, e do guarda-fato surge a sombra que recolhe todo o património que a família possui e quando se restabelece a electricidade tudo fica iluminado, mas a casa se apresenta vazia, sem nada do que possuía antes do apagão, porque o colono preto já saiu do guarda-fato.

Este colono que age sorrateiramente quando tudo fica escuro, controla os nossos movimentos, e quando o pai se ausenta carrega os nossos pertences e quando abrimos os olhos ele se esconde e a miséria inunda a casa porque nada temos. Neste raciocínio depreende-se que, tudo o que temos, hoje, o colono preto virá buscar. Há aqui pecados e recados, mas não encontrei a penitência!

Sérgio Raimundo, que à outrora escreveu versos sobre “o menino cândido” em “Avental de Um Poeta Doméstico”, que tive o privilégio de apresentar em nossas incursões, cresceu e hoje tem a sua voz e autoridade no cenário literário contemporâneo em Moçambique, segue com as ancas ou sem ancas, o CAMARADA Poeta Militar, segue, em direcção à Comala, como o filho que entre sequências dialogais construídas em Pedro Páramo, na narração de Juan Rulfo, ouve da mãe o seguinte: Não vá pedir-lhe nada. Exija-lhe o nosso. O que esteve obrigado a dar-me e nunca me deu (...) O esquecimento em que nos teve, meu filho, cobre caro.

Este é um livro que cobra o que é nosso, não te esqueças, apenas o que é nosso! Um livro revolucionário tal como é a escrita de Poeta Militar. Uma revisitação do guarda-fato vazio de dia e sombrio às escuras, entretanto, ainda assim, guardámo-lo em nossos quartos nestes 50 anos.

VALENTINS DAY'S DA

Florista
Shanaze

Temos: Bouquet| Ornamentação de
quarto| Flores naturais e artificiais
| Brindes e muitas supresas

Faça a sua encomenda até o dia 12 de
Fevereiro



O Encanto no seu Canto

Cidade de Lichinga

Contactos: +258- 841920089/ 866349940



Toma a palavra vivida em nosso corpo e oferece a palavra encontrada no espírito, o sonho, a esperança aqui encontrada. Um livro que traz algo obrigatório, a esperança, porque a esperança é obrigatória para quem quer viver e de qualquer forma temos de sonhar, ainda que em nosso quarto, fábrica de sonhos, haja um colono preto a espera de fecharmos os olhos para nos atormentar os sonhos!

Referências Bibliográficas:

Amado, Jorge. "O Menino Grapiúna". Publicações Europa-América. Lisboa. 1992.

Beti, Mongo. "O Pobre Cristo de Bomba". Edições 70, Lisboa, 1979. Tradução de Geminiano Cascais Franco. Pág. 268.

Cela, José. "A Colmeia". Publicações Dom Quixote. Lisboa. 2002.

Cortázar, Júlio. "Histórias de Cronópios e de famas". Editorial Estampa. Lisboa. 1999.

Rimbaud, Arthur. "Iluminuras". Editora Iluminuras. 2014

SARTRE, Jean -Paul. "Que É a Literatura?" Editora Ática. São Paulo. 2004.

PUB.



INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O ANO 2026

MATRICULE JÁ O SEU FILHO/A!

- Alfabetização (leitura, escrita e números)
- Apoio Pedagógico
- Acompanhamento/Reforço Escolar
- Auxílio nos TPC's
- Preparação para as provas
- Aulas de Inglês
- Actividades Lúdicas
- Educação Cívica e Ética
- Aprendizagem por experiências e valores
- Artes, música e muita diversão
- Tecnologia e inovação na sala de aula

REQUISITOS PARA INSCRIÇÕES:

- ✓ Idade mínima 6 anos
- ✓ Cópia da Cédula / B.I da Criança e do Encarregado
- ✓ Renovação de Inscrição 250Mzn
- ✓ Inscrição para novos ingressos 500Mzn

MENSALIDADES NO NOSSO CENTRO

750,00MT de 1ª a 6ª Classe
1000,00Mt de de 7ª a 9ª classe
1.500,00Mt de 10ª a 12ª classe

MENSALIDADES AO DOMICÍLIO

1.500,00Mzn de 1ª a 6ª Classe
2.000,00Mzn de 7ª a 9ª classe
2.500,00Mzn de 10ª a 12ª classe

**OBRIGATÓRIO O PAGAMENTO
DO 1º MÊS DA MENSALIDADE
NO ACTO DA INSCRIÇÃO.**



+258 87 868 3588
+258 87 868 3588



Lichinga- Bairro popular
Av. Filipe Samuel Magaia



CENTRO DE EXPLICAÇÃO E REFORÇO
ESCOLAR AMIGO DO SABER



CRÓNICA

ESTOU VIVO

Por: Feliciano dos Santos

Eu era um menino sem interesse pela vida. Tudo me irritava. Queria ser algo diferente, que me desse facilidades de viajar, ser poderoso, estar em todo o lugar sempre que me apetecesse. Num destes dias, fui dormir e acordei em todos os lados: EUA, UK, Dinamarca, Holanda, Etiópia, Iraque, Moçambique, casa de rico, de pobre, na cadeia, nos hospitais, nos bancos, nos palácios presidenciais, nos caixões, na mortuária.

Epa! Tentei perceber quem eu era. Decidi aproveitar a oportunidade para descobrir o mundo e seus segredos. Fui para o bolso de um pobre e me senti sufocado.

A cada minuto, ele me apertava, com receio de me ver fora dele. Foi que decidiu dar-me conforto numa capulana. Lá fiquei três semanas. No dia em que o pobre decidiu me largar, fui trocado por um simples pedaço de pão. Caí na caixa de um rico. Eu estava poderoso, ele me levou para casa, mas me jogou na cozinha, num plástico. Senti saudades do pobre. No dia seguinte, antes de sair, fui motivo de muita discussão. Ouvi insultos terríveis, fui levado às pressas e atirado para o banco de trás do carro.

Para meu espanto, fui entregue a uma tipa, numa esquina, que me trocou por um jogo de calcinha e sutiã, numa boutique. Fiquei ouvindo conversa sobre casais, todo o dia: “Os homens são uns safados... O meu é um parvo e cacata, gosta de me ver bonita, mas nem sabe de onde vem o dinheiro com que compro as roupas”.

No final do dia, colocaram-me numa carteira, pelos vistos, fui roubado. Na estrada, ouvi gritos e tiros. Fui roubado de novo. Pensei que estava sendo jogado no mar. Afinal, estava numa poça de sangue. Fui motivo de morte.

Depois, pegaram-me e jogaram-me num banco. Aí sim, ouvi outro tipo de conversas: “Oiiii, o cheque passou, não te esqueças da minha parte... O tipo se ferrou, amanhã limpo o ficheiro”.

De madrugada, sacaram-me de uma ATM, de forma violenta. Uns tipos explodiram a caixa e fui conhecer outro mundo. A conversa aqui era séria: “Mataste aquele gajo e aquela gaja, na rua. Ah, a tipa tinha pouca mola...” Em seguida, um silêncio... E uma voz rasgou forte e disse: “Vocês estão a estragar tudo, não vos solto para matar muito e roubar pouco...”

Nessa mesma noite, fui trocado por uma garrafa de whisky Gold Label, num hotel cinco estrelas. Ouvi as mais variadas histórias de corrupção e negócios ilícitos. De repente, um estrondo, o hotel foi pelos ares. Era um ataque terrorista! Eu estava flutuando. Vi que o clarão era muito forte. Nunca tinha visto algo assim em toda a minha vida. Fiz um esforço, abri os olhos e vi luz, a lâmpada da nossa casa estava acesa, a energia tinha chegado a nossa aldeia, gritos de alegria por todo o lado: “Cahora Bassa é nossa, Cahora Bassa é nossa”!!!

Senti-me bem por saber que estava vivo. Acordei, olhei para os meus pais e compreendi a razão deles serem felizes.



DEVANEIOS

AYAO E O MAGINI (O ESPIRITO DO MORTO) NAS TERRAS DO SUL

Daniel Antonio Marcos

Na varanda da casa redonda liso do teto fumegante, sob o céu cor de cinza quente de Massangulo, o tempo não passa. Paira. É um véu de poeira dourada suspenso entre o mundo dos vivos e o eco das histórias que saem, aos pedaços, da boca do avô.

Ele é a figura que o vento trouxe de volta. Um regresso que foi geografia desfeita: Messumba, o Lago Niassa como espelho de fuga, a Tanzânia como sombra, o Malawi como pousio. E, por fim, esta varanda, este pedaço de chão definitivo. Ele chegou com as suas ferramentas de carpintaria – o cerrote com dentes cansados, a plaina que aplainou mais do que madeira, o martelo de cabeça gasta que bateu em pregos e em saudades.



Chegou embrulhado em calças pretas, solas de pneu a sussurrar estradas no chão de terra, trazendo peixes secos, o último tributo de um nómada ao lar. Trazia o silêncio das florestas fechadas do Niassa nas costas, o zumbido da moscatsé-tsé preso nas orelhas, o reflexo dos crocodilos nos olhos cheios de lágrimas. Era um livro com as páginas soltas, um mapa de viagens que só a memória costurava.

E na varanda, ao cair da tarde, com a voz a escorrer como mel velho, ele contou do Ayao. Não como lenda, mas como facto natural, como se falasse da chuva ou da seca. Contou da honra que era um morto em batalha e do preço terrível que ela cobrava: o Magini – o espírito do morto que não descansa, que é fogo de vingança a arder para além da vida. Explicou a ciência antiga, os rituais de contenção, os feiticeiros que negociavam com a ira dos que partiram.

Mas depois, a sua narrativa fez a grande travessia. Como o seu próprio corpo cruzou fronteiras, o espírito do Ayao morto cruzou o rio Save e desceu para o Sul. Para terras que não falavam sua língua espiritual, que não conheciam os amuletos para amansá-lo. E lá, o Magini tornou-se um furacão de vingança imprevisível. A solução foi trágica e difícil: oferecer-lhe uma esposa. Uma rapariga consagrada, intocável, cujo abraço seria apenas do espírito, cama feita no vento, amor consumido no reino invisível. Só assim o furor aquietava.

O avô contava isto com a calma de quem descreve um ofício antigo – o dele era a carpintaria, o dos feiticeiros de outrora era a carpintaria das almas. Ele não via a linha que seu fio narrativa tecia, direitinha, até o nosso presente. Não percebia que, ao contar, ele não falava apenas de um episódio encerrado no passado.

Na varanda de Chamande, enquanto suas palavras secavam no ar, eu via o rasto do Magini através dos anos. Ele adaptou-se, vestiu novas roupagens. Já não é o espírito vingativo de um guerreiro Yao morto em batalha tribal. Transformou-se no marido espiritual que pastores pentecostais, do outro lado do Save, usam rituais, preces aos gritos em igrejas de cimento bruto.

É a entidade que, dizem, possui mulheres de beleza estranha e solidão imposta, mulheres que não podem "amantizar-se" com homens de carne e osso. São as mesmas que, por vezes, paradoxalmente, se tornam curandeiras no Sul – venerando e sendo recipiente da mesma espiritualidade que as possui. Elas não são oferecidas por uma aldeia em pânico; são encontradas, escolhidas, por um destino que ecoa aquele pacto antigo. A linhagem espiritual prossegue, de geração em geração, agora com hinos de libertação e óleos ungidos a tentar desfazer o laço que um ritual ancestral, há séculos, atou.

O avô calou-se. Acariciou a madeira da bengala, obra de suas próprias mãos. Seus olhos, vidrados no horizonte de Massangulo, não viam a ponte frágil e terrível que sua história construía: da oferta de uma rapariga para aplacar um Magini errante, às sessões de libertação em igrejas abarrotadas no Sul, onde mulheres clamam por se verem livres de um esposo invisível e ciumento.

Ele, o carpinteiro, juntou as peças soltas da sua vida numa varanda. Mas a história que contou mostra que algumas juntas nunca ficam totalmente apertadas. Alguns espíritos, como a memória, como o hábito do sofrer, recusam-se a ser enquadrados. O Magini aprendeu a viajar. E no Sul de Moçambique, entre a veneração secreta e o grito de libertação, ele ainda vagueia – não mais à procura de vingança por uma morte, mas talvez por um lugar, um corpo, uma esposa que o mantenha, mesmo que a contragosto, ligado a este mundo.

O sol pôs-se. Na varanda, ficou o cheiro da madeira lascada e o peso de um silêncio que continha tudo. O avô adormeceu na sua cadeira. E eu fiquei a olhar para o Sul, para além do Save, imaginando o fio invisível e resistente à ruptura que une a oferta de uma rapariga num tempo antigo ao suor de uma mulher em um momento crítico numa igreja moderna – a mesma linha, torcida e retorcida pelo tempo, mas nunca quebrada. A carpintaria dos espíritos é mais permanente que a da madeira.

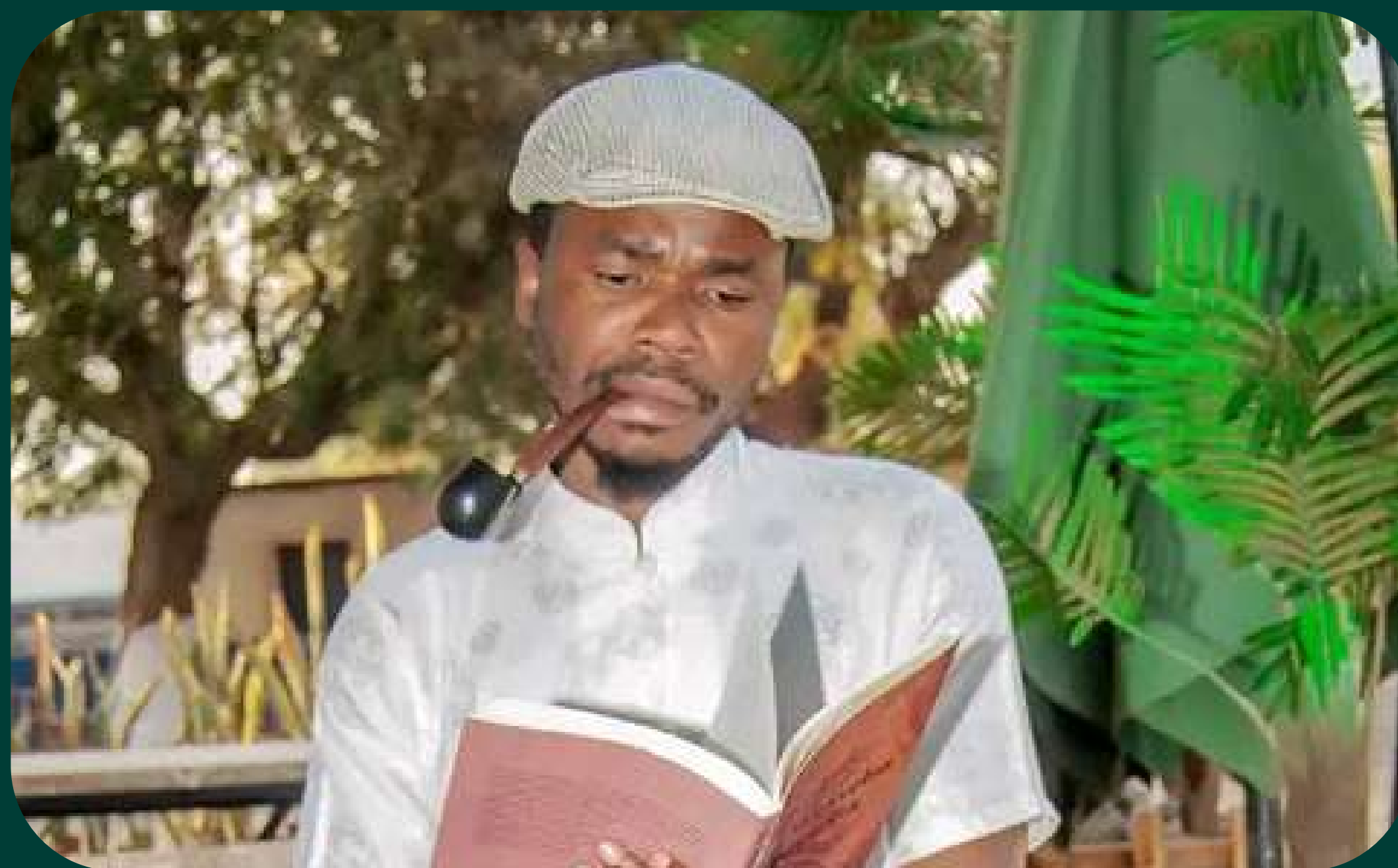
Aquela história antiga ecoava estranhamente familiar. Não eram essas as "esposas de espíritos" que hoje se falam, mulheres de beleza invejável mas intocáveis, que nos arredores de Inhambane, Gaza ou mesmo Maputo, os profetas das igrejas pentecostais dizem "libertar" dos "maridos espirituais"? Seria essa a multiplicação do Ayao revoltoso, o Magini que adaptou sua forma, maquiou-se de espírito maligno, mas manteve sua essência de ter controlo e vingança, agarrando-se a mulheres através das gerações?

O avô não comentou essa modernidade. Para ele, a história terminava com o pacto funesto que salvou uma família da aniquilação. Mas o seu silêncio sobre o presente era mais eloquente do que qualquer afirmação. Ele era uma biblioteca viva, frágil, prestes a fechar-se para sempre, levando consigo a chave para entender como os fantasmas de um povo guerreiro e migrante do Norte ainda assombram, interpretado de uma maneira nova, o espiritualismo do Sul.

A TERRA ESCUTA

Por Ramos António Amine

Em Lichinga, um homem comprou um terreno onde existiam duas casas erguidas com material humilde. Concluída a compra, regressou à sua terra natal, onde trabalhava ao lado da esposa, deixando o terreno entregue ao silêncio e ao tempo.



Meses depois, decidiu visitar a propriedade. Mal ali chegou, recebeu a visita inesperada da antiga proprietária, uma velha de fala mansa e olhar indecifrável. Alegou ter esquecido algo numa das casas. O novo dono estranhou a explicação, mas não a impediu de entrar.

Dentro da casa, a velha dirigiu-se a um dos cantos, escavou o chão e retirou algo que ali permanecera enterrado. Colocou-o numa sacola, mostrou-a ao homem sem dizer palavra e, após agradecer o gesto, afastou-se. O objecto não tinha nome. O homem pensou em perguntar o que era aquilo, mas preferiu o silêncio, como quem evita despertar o que ainda dorme.

Pouco tempo depois, iniciou a construção de uma nova casa, precisamente no local onde a velha escavara. A obra decorreu sem sobressaltos. Satisfeito, regressou ao seu posto de trabalho, em Marrupa. Foi então que começou a notar mudanças inquietantes: o dinheiro já não permanecia em suas mãos como antes. Entrava e saía sem explicação, como se obedecesse a uma vontade alheia.

Inquieto, viajou até Mecanhelas, onde ouviu o suficiente para não querer ouvir mais. O cenário alterou-se com o tempo, mas a inquietação permaneceu.

Meses depois, regressou a Lichinga para concluir a obra. Encomendou uma grande quantidade de areia grossa, descarregada numa tarde de domingo. Na manhã seguinte, constatou que parte da areia havia desaparecido, embora os pedreiros não tivessem iniciado os trabalhos por falta de cimento.

Desesperado, foi desabafar à casa vizinha. Em tom exaltado, declarou que sabia quem estava por trás daquele desaparecimento — e que haveria consequências. Dois dias depois, o bairro acordou em luto: uma miúda tinha morrido.

Ninguém conseguiu dizer, com certeza, de quê. As versões multiplicaram-se, mas nenhuma se sustentou por muito tempo. O que permaneceu foi outra coisa: um cuidado novo com as palavras. Falava-se menos. E, quando se falava, era como se o chão estivesse atento.

A casa do homem estava sólida, bem erguida, mas havia nela um desvio imperceptível, como se tivesse sido construída sobre um erro antigo que não se corrige com cimento. Desde então, em Lichinga, aprendeu-se que a terra não é muda. Escuta. E, às vezes, responde.



ENTRE VERSOS

MEDO

Por Vânia Garcia

doce-amargo
como o meu barato vinho
Um silêncio
uma calma fria
Honestamente
realidade me tira

Os meus fracassos reflectem
o caminho.
Ambiguidade limitada,
a imaginação fica
Uma perfeita vida.

O medo educa-me
ensina-me
O caminho para a vida.
Oh, meu favorito unhago
sustenta-me,
equilibra-me,
"Devagar",
ele diz-me
o que seria da libertinagem?

o medo, a liberdade me tira.



Mais tempo com a mamã?
Tenho medo
A herdeira dos meus sonhos
Não a tirem.
Liberdade,
o medo não me tire.
Oh! Vida injusta,
frustra.

Maldito és tu,
O silêncio que me consome.
Eu vou gritar...
Não, Não posso,
tenho medo.

Compor um texto
De tudo que penso,
Não posso
Tenho medo.

AO NOSSO RITMO*Por Pré Destinada*

Vivemos nos tons do solfejo
Kadoda pra ká
Xitshuketa para la
Corpo mestiço
Envolvido por dois
Reboliço cintura abaixo
Embriagues cintura acima
Neste vai e vem reitera-se a
liberdade
Duma madrugada eternizada
Entre fumos e copos
Cabemos nós braços deste palco
Encarnando magias nesta dança

Sem regras
Sem pena e nem pudor
Partimos nesta orgia
Romantizando loucuras
Despidas do silêncio do DJ
E da espada preta quando
O suor de ver mangas maduras
A bailar

O nosso ritmo e menagem
Gozamos e continuamos
A curtir
Cuspir
E esculpir, o verbo envolvente.



